

Benjamin Green: o protetor testado na própria calvície

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 05/01/2026

Benjamin Green testou sua invenção contra queimaduras solares na própria cabeça careca, sob o sol da guerra no Pacífico. O creme viraria base da indústria global de protetor solar, décadas antes de entendermos o real risco do câncer de pele.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://dr.cristianoricardo.com/post/benjamin-green-o-protetor-testado-na-propria-calvicia>

Benjamin Green era farmacêutico e serviu como aviador durante a Segunda Guerra Mundial, estacionado em bases no Pacífico, onde soldados sofriam queimaduras solares severas o suficiente para tirá-los de combate por dias. Green começou a testar substâncias que pudessem proteger a pele exposta ao sol tropical intenso, e fez isso da forma mais direta possível, aplicando as próprias formulações na própria cabeça, careca, sem qualquer proteção natural de cabelo para disfarçar o resultado de um teste malfeito. Uma das primeiras versões que criou era à base de vaselina vermelha, uma pasta espessa, desconfortável, pouco prática, mas que funcionava.

Depois da guerra, Green continuou aperfeiçoando a fórmula em casa, na própria cozinha, cozinhando misturas de óleo de coco, óleo de cacau e vaselina numa batedeira de bolo emprestada da esposa. Em 1944 lançou o produto comercialmente sob o nome de Coppertone, que se tornaria uma das marcas mais reconhecidas do mundo em proteção solar, sustentando décadas de crescimento numa indústria que hoje movimenta bilhões de dólares globalmente. Green morreu em 1999, tendo visto sua invenção se tornar item comum em qualquer bolsa de praia, mas sem nunca imaginar completamente o quanto a ciência por trás da proteção solar ainda evoluiria depois dele.

Há algo revelador nesse tipo de método, testar em si mesmo antes de oferecer ao mundo, que conecta Green diretamente a Alexander Fleming e a Marie Curie. Os três manipularam substâncias com o próprio corpo como primeiro laboratório, numa época em que os protocolos de segurança que hoje consideramos básicos praticamente não existiam. Fleming testava reações microbianas observando o que crescia ou morria diante de seus próprios olhos. Curie carregava rádio no bolso sem soubesse o dano real que causava. Green espalhava fórmulas experimentais na própria pele sob o sol mais forte que conseguia encontrar. Nenhum dos três tinha certeza total do que estava fazendo, e essa disposição de arriscar o próprio corpo em nome de uma descoberta é, ao mesmo tempo, admirável e perturbadora, um lembrete de que ciência aplicada muitas vezes nasceu de coragem pessoal que hoje jamais seria aprovada por qualquer comitê de ética.

O legado de Green carrega também uma ironia que merece ser dita sem meias palavras. As primeiras fórmulas de protetor solar, incluindo as dele, ofereciam proteção limitada,

sobretudo contra os raios UVB que causam queimadura visível, mas quase nenhuma proteção contra os raios UVA, que penetram mais profundamente na pele e contribuem de forma silenciosa para o envelhecimento precoce e para certos tipos de câncer de pele. Só décadas depois a ciência dermatológica entendeu essa diferença com clareza, e reformulou protetores solares para cobrir o espectro inteiro de radiação ultravioleta. Gerações inteiras passaram a vida se sentindo protegidas por produtos que, na prática, protegiam apenas parte do problema.

Isso tem peso enorme para a saúde pública hoje. O câncer de pele é um dos tipos de câncer mais comuns no mundo, e a maior parte dos casos está diretamente ligada à exposição solar acumulada ao longo da vida, muitas vezes começando na infância, antes que qualquer proteção adequada fosse aplicada com regularidade. O trabalho de Green, mesmo incompleto para os padrões atuais, deu início a uma cultura de proteção solar que hoje salva vidas de forma mensurável, mas o caminho até chegar lá foi mais longo, mais falho e menos linear do que a embalagem simpática de qualquer protetor solar sugere na prateleira do mercado.

Fica então uma reflexão que atravessa ciência aplicada e saúde preventiva ao mesmo tempo. Quantas soluções que hoje confiamos cegamente, por virem em embalagem bonita e discurso de segurança total, ainda carregam lacunas que só o tempo e a ciência futura vão revelar, exatamente como aconteceu com o creme testado numa cabeça careca sob o sol da guerra?